



**A Sociologia contra-ataca: a relevância
da pesquisa e da universidade**

REALIZAÇÃO:
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA
DEPARTAMENTO DE SOCIOLOGIA

APOIO



Felipe Gusmão Carvalho Andrade

GT 2: Cultura, arte, intelectuais e pensamento social

O MAIO DE 68 NO CINEMA

As experiências revolucionárias inspiradas em acontecimentos históricos já foram retratadas nas produções fílmicas de diversas maneiras. Alguns desses exemplos no cinema podem ser citados, tais como: A Comuna de Paris em 1871, retratada no filme *La Commune (Paris, 1871)*, do diretor Peter Watkins (2000), a Revolução Portuguesa de 1974 vista no filme *Capitães de Abril*, da diretora Maria Medeiros (2000), e a Revolução Espanhola na década de 30 que foi retratada no filme *Liberdade*, do diretor Vicente Aranda (1996).

Assim, a nossa intenção será resgatar uma dessas experiências revolucionárias que existiram ao longo do século XIX e XX. Por isso, limitaremos o texto a relacionar a experiência do Maio de 68 na França com as produções fílmicas sobre esse acontecimento. Portanto, em nosso breve artigo buscaremos demonstrar como determinadas obras cinematográficas manifestaram aspectos do maio de 68, particularmente o caso francês¹. O que é mostrado² nelas não significa a mensagem

¹ Existiram outras lutas estudantis e operárias nesse mesmo período (final da década de 60), como nos Estados Unidos, Itália, Alemanha etc. Porém, o nosso foco será o caso francês e como ele foi mostrado nos filmes que discutiremos nos próximos tópicos.

intencional da equipe de produção. Nesse processo de mostrar algo que se torna possível o proporcionamento da assimilação, seja no sentido da crítica ou da revelação do oculto (VIANA, 2012).

Por conseguinte, o nosso propósito será realizar uma assimilação crítica, o que significa trabalhar um acontecimento mostrado, superando a aparência das relações sociais e proporcionando a sua crítica. Delimitaremos a nossa discussão a apenas três filmes na intenção de extrair deles uma análise crítica do maio de 68 francês: *Depois de Maio*, Olivier Assayas (França, 2012), *A Chinesa*, Jean-Luc Godard (França, 1967) e *Os Sonhadores*, Bernardo Bertolucci (França-Reino Unido-Itália, 2003). Contudo, antes de prosseguir na análise desses filmes, explicaremos de forma breve o que foi o maio de 68 na França.

A década de 60 deve ser analisada dentro de um período determinado na história do capitalismo. O conceito de regime de acumulação³ e seus ciclos (constituição, consolidação e dissolução) nos ajudam a explicar esse momento histórico (VIANA, 2015a). Nos países de capitalismo imperialista, o esgotamento do regime de acumulação conjugado estava começando a chegar ao seu ciclo de dissolução. Por conseguinte, a radicalização da luta de classes no conjunto das relações sociais, tanto em escala nacional, como em escala internacional, é a determinação fundamental que possibilita a transição de um regime de acumulação para outro e é a partir disso que o Maio de 68 francês esteve inserido.

No período das décadas de 1945 até 1968, o que predominou nos países capitalistas imperialistas foi o regime de acumulação conjugado, tendo o seu desenvolvimento através de sucessivos ciclos: constituição, consolidação e dissolução. Tais ciclos conviveram com o desenvolvimento das lutas operárias e estudantis. Nos anos 50 e 60, a sociedade francesa sofreu uma crise por conta da queda da taxa de lucro médio na acumulação no período do regime conjugado. A crise provocou diversos problemas, e um deles foi a reforma universitária na sociedade francesa que teve como consequência a piora da qualidade do ensino. Com a diminuição da qualidade do ensino, a condição estudantil foi prejudicada, pois esta já não tinha perspectiva de emprego, nem expectativa de inserção no mercado de trabalho. Por isso, a precarização da

² Mostrado é aquilo que é apresentado, descrito ou visto, o que, por sua vez, significa apresentar algo, seja um acontecimento, diálogo ou imagem em um filme (VIANA, 2012). “O mostrar revela a aparência e nada mais do que aparenta ser” (VIANA, 2012, p. 96).

³ Um regime de acumulação é caracterizado por uma determinada forma de organização do trabalho, determinada forma estatal e determinadas relações de exploração internacional entre os países. Cf. Viana (2009).

condição estudantil foi uma das determinações da insatisfação dos jovens naquele período (VIANA, 2015b).

Na época, o aparato estatal francês buscou promover uma reforma no ensino, implementando uma maior burocratização e aumento do tecnicismo no modelo educacional francês, com as implementações do plano Fouchet e o V plano. Tais medidas geraram descontentamento entre os jovens e estudantes, por conta do aumento da precarização de sua condição social na sociedade francesa. Portanto, houve uma expansão do ensino na época, convertendo “universidades de elite” em “universidades de massa” (BERNARDO, 2008).

O descontentamento de grande parcela dos estudantes e jovens foi reforçado por uma forte cultura contestadora na França, que, posteriormente, abriu espaço para a crítica das organizações burocráticas (partidos e sindicatos) e propostas de uma alternativa mais radical que superasse concepções e práticas reformistas. O avanço de determinadas tendências do movimento estudantil francês também teve influência de certos acontecimentos mundiais, os quais influenciaram o desenvolvimento da consciência dos estudantes e jovens em vários lugares do mundo, como as guerras imperialistas (Guerra do Vietnã, na África), lutas armadas contra as ditaduras militares na América Latina, a luta dos negros pelos direitos civis nos EUA etc. (BRAGA, 2015).

Assim, o Maio de 68 francês foi marcado pela aliança do movimento estudantil com a classe operária. Esta aliança ocorreu efetivamente na manifestação de 13 de Maio, depois de convocada a maior greve geral da história da França. Logo depois dessa manifestação, a faculdade de Sorbonne foi ocupada, tornando-se a referência para as outras ocupações que ocorreram depois. Nessa ocupação foi formada os “comitês de aliança estudantes-trabalhadores” que depois teriam grande importância no maio de 68 (BRINTON, 2008). Outra ocupação importante ocorreu no “Centre Censier” (Faculdade de Letras da Universidade de Paris) (BRINTON, 2008). Nesse lugar foram produzidos e distribuídos os panfletos que tinham o objetivo de articular a consciência revolucionária em conjunto com os trabalhadores, aproximando-os dos estudantes através dos comitês estudantes-trabalhadores. Por isso, a radicalização das lutas operárias ocorreu junto com a radicalidade do movimento estudantil.

No entanto, a radicalização do movimento estudantil e operário teve como adversário a burocracia, especialmente as suas frações mais destacadas, sindical e partidária. A CGT (Central Geral dos Trabalhadores) e o PCF (Partido Comunista Francês) foram obstáculos para o desenvolvimento do movimento operário autônomo.

Por isso, uma das determinações da derrota da tentativa revolucionária no Maio de 68 francês, sem sombra de dúvidas, foi a contrarrevolução burocrática operada pelas organizações sindicais e partidárias, com o apoio do aparato estatal.

Desse modo, os acontecimentos no Maio de 68 francês deixaram uma herança significativa para as lutas revolucionárias no século XX. O legado dessa experiência foi a construção de “práticas cotidianas da auto-organização dos trabalhadores e estudantes franceses como a negação absoluta do capitalismo e a afirmação da materialidade concreta da ordem comunista” (PINTO, 2008, p. 2), sendo que foi o “maior levantamento revolucionário da Europa Ocidental desde a Comuna de Paris” (BRINTON, 2008, p. 73). Em síntese, o Maio de 68 francês confirmou a “tendência histórica do surgimento de experiências comunistas embrionárias no regime de acumulação conjugado, pois a França, mais uma vez, assim como na Comuna de Paris de 1871, esteve assombrada e ameaçada pelo espectro da autogestão social (comunismo)” (BRAGA, 2015, p. 15).

Doutrinarismo Maoísta e Revolução “Socialista” em A Chinesa

O filme *A Chinesa* do diretor Jean-Luc Godard retrata alguns jovens que, no momento das férias de verão, ficam reclusos em um apartamento estudando e discutindo o pensamento de Mao Tsé-Tung, ou como denominado por eles, “marxismo-leninismo”⁴. O contexto em que a trama ocorre é o ano de 1967 na França, ou seja, um ano antes dos eventos históricos do maio de 1968. Portanto, o filme mostra um dos elementos presentes no Maio de 68 francês: o doutrinarismo de uma célula “revolucionária” maoísta na França daquele período. É preciso ter em vista que diversas tendências políticas estiveram presentes naquele período, desde marxistas autogestionários, anarquistas, trotskistas etc., porém, o foco do filme é o maoísmo.

A maior parte da trama do filme mostra um grupo revolucionário composto por cinco jovens, estudantes ou trabalhadores. Assim, a compreensão da trama exige uma breve contextualização das características de cada uma das personagens. A primeira personagem é a estudante de filosofia Véronique, que foi quem cedeu o apartamento

⁴ É preciso deixar claro que a expressão “marxismo-leninismo” não condiz com o autêntico marxismo desenvolvido por Karl Marx e autores posteriores, tais como Paul Mattick, Karl Korsch, Anton Pannekoek e outros. Na verdade, o “marxismo-leninismo” pode ser compreendido como bolchevismo, no qual visa expressar “os interesses de determinadas frações da classe burocrática, que buscam se autonomizar e se tornar classe dominante” (TELES & VINÍCIUS, 2018, p. 9). A raiz ideológica do bolchevismo é o leninismo, mas existem variações como o stalinismo, trotskismo, maoísmo etc. O marxismo é expressão revolucionária dos interesses do proletariado, portanto, antagônico ao leninismo. Por isso, não faz sentido juntar marxismo com leninismo na mesma expressão.

para o grupo, devido aos pais banqueiros terem viajado nas férias. A segunda personagem é Henri, o estudante considerado revisionista e que mais tarde será expulso do grupo. A terceira personagem é Guillaume, ator de teatro que utilizará da doutrina de Mao e outras influências, como Brecht e Shakespeare, para a constituição de seu teatro socialista. A quarta personagem é Serge Kirilov, rapaz que tinha a tarefa de redigir os slogans nas paredes do apartamento e no final cometerá suicídio por não ser o escolhido para executar o assassinato do ministro da cultura soviético. Por fim, a última personagem é Yvonne, jovem camponesa que saiu do interior da França para a cidade de Paris em 1964. Quando saiu de casa, Yvonne que já realizava os trabalhos domésticos na fazenda, tenta sobreviver em Paris trabalhando como prostituta ocasionalmente ou em serviços domésticos nas casas de outras pessoas.

A partir dessas indicações, é possível perceber que o filme visa discutir as ideias de Mao Tsé-Tung através de um grupo composto por jovens franceses, um ano antes dos acontecimentos do Maio de 1968. Por conseguinte, como dissemos anteriormente, a principal inspiração do grupo é o maoísmo, reproduzido nas informações sobre a Revolução Cultural Chinesa transmitida pela estação de Rádio Pequim e pelos livros vermelhos de Mao Tsé-Tung⁵ na estante. Há também diversos diálogos no filme que remetem ao pensamento do burocrata chinês, ou intelectuais influenciados na época por ele, a exemplo do diretor Jean-Luc Godard. Além disso, a chamada “Revolução Cultural Chinesa”⁶ é a referência para a maioria dos indivíduos do grupo que passam todo o verão estudando, discutindo e compartilhando ideias acerca do “marxismo-leninismo”. O problema é que ao longo da trama, determinadas divergências começam a surgir, como a oposição do grupo à política do Partido Comunista Francês (PCF) que estava ligado ao stalinismo e ao revisionismo adotado pela União Soviética na época.

Desse modo, o filme aborda determinada posição política que busca apresentar a verdadeira visão de um “partido revolucionário” e a aplicação de uma política correta e justa, em detrimento da política revisionista da URSS e do PCF francês. Ao lado disso, mostra-se uma explícita oposição ao chamado imperialismo norte-americano que seria

⁵ Os livros vermelhos de Mao lidos pelos estudantes do filme foram enormemente divulgados depois da “revolução cultural chinesa”, chegando a serem impressos 820 milhões de exemplares (VIANA, 2018).

⁶ “O termo ‘revolução cultural’ é totalmente equivocado, pois a hegemonia cultural permaneceu a mesma com suas ideologias, doutrinas etc. O que ocorreu foi um uso de ideias dominantes, algumas não praticadas concretamente (ligadas ao socialismo, que de acordo com a ideologia dominante ele supostamente existia na China), para moralizar a burocracia, marcada pelo combate à corrupção, privilégios etc. Ou seja, não houve nenhuma ‘revolução’, já que apenas se enfatizou e desenvolveu alguns elementos já existentes, bem como não teve a amplitude que o termo cultura traz (como conjunto das produções intelectuais), sendo apenas uma mudança no âmbito da moral” (VIANA, 2018, p. 84).

contrário ao “comunismo” representando pelo Vietnã do Norte, que naquela época era invadido pelos norte-americanos e outros países imperialistas. Portanto, o grupo mostrado pelo filme apresenta-se como “comunista”, um “comunismo” que era mais radical⁷ que aquele adotado pela URSS e o PCF, ambos considerados revisionistas, e que estava alinhado com as aspirações da China de Mao Tsé-Tung, logo após a “Revolução Cultural”.

O problema é que não há uma homogeneidade no grupo, pois Henri considera a possibilidade de uma transição pacífica para o socialismo, enquanto os demais acreditam que a revolução seria inevitavelmente violenta. Segundo Véronique, a revolução deve ser uma revolução violenta, na qual uma classe deve derrubar a outra. Por conseguinte, o grupo propõe a criação de uma organização especial de combate, na qual a maioria é a favor, exceto Henri que acaba sendo expulso. O plano terrorista que eles desenvolvem para iniciar a revolução é o assassinato de Michael Sholokov, ministro soviético da cultura. Por meio de um sorteio, Véronique é a escolhida para executar o assassinato, o que acaba ocorrendo logo depois. No entanto, Serge, frustrado por não participar do ato, acaba se suicidando.

Outro elemento importante do filme, relacionando-o com o Maio de 68 francês, é o momento no qual ocorre um encontro entre as personagens Francis Jeanson e Véronique. Neste diálogo, Véronique diz que a educação é um dos maiores problemas e, portanto, relata que o seu plano imediato deve ser fechar as universidades e começar do zero. Para conseguir fazer isso, ela pensa em jogar bombas nos estudantes e professores, que, logo depois deixariam de ir às universidades. Jeanson diz que o plano é dela, e não dos estudantes e professores. Não se pode criar uma revolução sozinho, nem mesmo através de um grupo isolado. É preciso apoio, como aquele que ele teve de uma parcela da população francesa na época da guerra da Argélia. Jeanson coloca que proposta de Véronique sobre explodir a universidade gerando um assassinato de muitas pessoas, não mobiliza as pessoas para uma revolução, nem mesmo propõe um projeto de outra sociedade. O que um assassinato pode gerar é a prisão dela.

⁷ Na trama do filme, o maoísmo dos estudantes apresenta-se com uma aparência mais “libertária” devido ao rompimento com o regime stalinista na URSS e da influência da “Revolução cultural chinesa”, entre outras determinações. Na verdade, o regime político na China e na URSS era um capitalismo de estado (VIANA, 2018), e a “revolução cultural”, como dissemos anteriormente, expressou mais uma luta interburocrática entre setores da burocracia chinesa do que uma revolução autenticamente comunista. A suposta radicalidade dos estudantes no filme demonstra mais uma ligação com o ativismo, doutrinarmismo e dogmatismo com o maoísmo.

Nesse diálogo, fica claro que o filme mostra o voluntarismo e necessidade de fazer uma revolução a qualquer custo por parte de Véronique que adere, por sua vez, à estratégia militar e violenta da concepção maoísta. Assim, temos distintas estratégias entre Jeanson e Véronique sobre como chegar a uma revolução socialista. Na concepção ingênua de Véronique, a revolução pode ser produzida por grupos pequenos e terroristas, como o exemplo citado dos niilistas russos em 1917 que através de suas ações terroristas levaram à queda do Czar. Por outro lado, Jeanson responde que uma revolução pressupõe grupos, classes sociais, homens e mulheres, que acreditam e lutam por uma mudança. Uma ação isolada como é proposta por Véronique, dificilmente vai gerar a mobilização das pessoas. Dessa maneira, o filme acaba sem nenhum desfecho revolucionário. Véronique executa o plano terrorista de matar o ministro soviético e logo depois, o verão se encerra e a rotina de volta às aulas retorna.

Por fim, o filme destaca o aspecto de que a revolução “socialista” não pode ser produzida por grupos ou indivíduos bem-intencionados que acreditam nela, ou mesmo através de ações terroristas inconsequentes. Percebe-se que essa estratégia inócua do maoísmo esteve presente em diversas tendências políticas francesas na década de 60, seja entre estudantes, burocratas, intelectuais etc. O problema é que seu caráter doutrinário e voluntarista aplicado em ações terroristas, jamais poderia ser utilizado na consecução de uma revolução “socialista”. Portanto, o filme revela os problemas da violência inconsequente, do caráter doutrinário do maoísmo e da miséria política que um determinado grupo juvenil “marxista-leninista” possuía naquela época pré-1968. O terrorismo gratuito que o filme aponta em seu desfecho de nada pôde contribuir com uma suposta revolução “socialista”, sendo mais uma rebeldia passageira de verão que está bem distante de um projeto radical de transformação da sociedade.

O Fim da Rebelião Estudantil em Depois de Maio

O segundo filme que queremos discutir é *Depois de Maio*, dirigido por Olivier Assayas. Os eventos do filme remetem ao ano de 1971, próximo à região de Paris e três anos após os eventos de 1968 na França. Por isso, o que temos aqui é o fim da rebelião estudantil, o período pós-revolucionário que já não tem mais a radicalidade e força de outrora. Por conseguinte, a trama do filme percorre a trajetória de Gilles, estudante secundarista prestes a terminar o ensino médio que quer ser artista profissional, depois que ele realizar o exame na faculdade de Belas Artes em Paris. Ele namora com outra artista chamada Laure que logo termina com ele devido a sua mudança para a Inglaterra.

Além dele, o filme possui como núcleo principal outros estudantes secundaristas que participam de um coletivo político chamado Comando Vermelho na França. São eles: Alain, Jean-Pierre e Christine, bem como outros personagens secundários.

O coletivo político Comando Vermelho tem como tarefa a redação de panfletos, jornais, mobilização de atos, entre outras atividades que reúnem os estudantes do Liceu em assembleias a fim de discutir os seus problemas. Gilles é um dos seus principais participantes, ao lado de Alain, Jean-Pierre e Christine. Eles buscam contestar a sociedade vigente com reivindicações próximas a uma concepção “anarquista”⁸, utilizando-se de ações diretas (coquetel molotov, pichação nos muros etc.). Logo no começo do filme, a cena inicial retrata os estudantes protestando nas ruas e a repressão policial que vem em seguida. Após a manifestação, os estudantes organizados no coletivo se reúnem e decidem grafitar, escrever palavras de ordem e colar inúmeros panfletos no Liceu, expressando dessa maneira a insatisfação com a repressão policial que havia sido extremamente violenta com os estudantes.

Logo depois, um dos estudantes, Jean-Pierre, é denunciado por um dos seguranças do Liceu, valendo-lhe uma advertência por parte da direção do colégio e, posteriormente, uma queixa na polícia. Em solidariedade a ele, Alain, Christine e Gilles decidem colocar fogo no quarto aonde os seguranças ficavam de guarda. O problema é que no momento de fugir, um dos seguranças que os perseguiam acaba sendo ferido por um saco de cimento jogado por Alain. A ação resultante disso, acaba dispersando os estudantes do coletivo, que com medo de uma possível denúncia da polícia, resolvem aproveitar as férias de verão para viajarem a outros lugares da Europa ou para o interior da França. Gilles, Christine e Alain decidem ir para a Itália, auxiliados por um grupo político sindicalista que consegue transportá-los. Nesse trajeto, Alain conhece Leslie, uma norte-americana que é dançarina e adepta do misticismo. Logo, ele se apaixona por ela, ao passo que Gilles e Christine apaixonam-se um pelo outro.

O que o filme tem como tema principal é a trajetória pessoal desses estudantes secundaristas que eram politizados e vinculados a determinados grupos políticos naquele período de 1971. O arrefecimento da luta de classes, o fim da radicalidade das

⁸ Em determinada cena do filme, os estudantes Gilles e Alain escrevem no muro do Liceu palavras como Durruti e Makhno, uma referência a dois anarquistas reconhecidos. O primeiro foi um militante anarquista espanhol que participou da Revolução Espanhola na década de 30, e o segundo foi um militante anarquista ucraniano que foi um dos mais destacados na resistência ucraniana ao ataque do exército vermelho do governo Bolchevique, após o golpe de estado em outubro de 1917 (SANTOS, 2018). Há também no filme, uma referência a um símbolo anarquista que é escrito por Gilles na mesa da sala e no muro do Liceu. Porém, apesar das referências, o filme não apresenta nenhuma discussão coerente ou mais sistemática da concepção política dos personagens.

manifestações estudantis de três anos atrás e da efervescência cultural revolucionária, ainda permaneceu acesa com o trabalho político disperso de alguns estudantes que não deixaram o seu descontentamento com a sociedade capitalista de lado. Nessa trajetória, o filme mostra em cada um desses jovens os seus projetos pessoais de vida, a descoberta do amor, da liberação sexual, do uso das drogas, do misticismo das religiões orientais, o contato com outros coletivos políticos (a exemplo da Liga Comunista mostrada do filme e o Porco-Épico), entre outros aspectos.

Ao lado disso, a trama aborda os dilemas pessoais de cada um que, uma vez que a revolução não ocorreu e a transformação radical das relações sociais não foi realizada, precisam seguir as suas vidas profissionais. Gilles, por exemplo, sonha em ser artista profissional, cursar a universidade, sem deixar de lado a sua militância política. Alain também quer ser artista profissional, mas no decorrer da viagem à Itália, acaba apaixonando-se por Leslie e decide viajar com ela para o Nepal, postergando a vida profissional para outro momento. Outro caso é a de Christine, que após conhecer o coletivo de cinema Porco-Épico, é convidada por Jean-Remy para excursionar com eles na produção do próximo filme e assim aprender mais sobre cinema militante e independente.

Assim, o filme acaba mostrando que o período pós-Maio de 68 deu lugar a projetos políticos dispersos, sem a radicalidade de outrora. A crítica radical da burocracia, tanto de partidos políticos, quanto de sindicatos, a aliança estudantil-operária e o projeto de autogestão social foram substituídos na década de 70, em grande parte, por ações isoladas de grupos ou indivíduos, desolados com o fracasso da rebelião de Maio de 68. Tal visão é reforçada pelo momento no qual Gilles, Jean-Pierre e outro indivíduo se encontram para discutir uma ação terrorista de destruição de um carro com coquetel molotov e a necessidade de cada seguir a militância de forma clandestina. Na década de 70 em diante, as ações terroristas de grupos de “esquerda”⁹ tornaram-se uma estratégia comum, principalmente na Alemanha e Itália.

Diante disso, o filme mostra as consequências e o breve desenvolvimento das distintas escolhas que cada um dos personagens toma ao longo da trama, no ano de 1971 em diante. Dessa maneira, a personagem Laure, envolvida com Jean-Serge e as drogas, morre em uma tragédia; Christine se separa de Gilles, deixa de lado a

⁹ Dois exemplos disso foram as Brigadas Vermelhas na Itália e o Grupo Baader-Meinhof na Alemanha. Este último já foi retratado no cinema através do filme *O Grupo Baader-Meinhof* (2008) do diretor Uli Edel.

universidade e se vincula ao coletivo cinematográfico Épico-Porco; Leslie decide abortar, para logo depois retornar aos Estados Unidos e voltar a estudar dança; Gilles mantém a sua ideia da “arte revolucionária”¹⁰, mudando-se para a Inglaterra na tentativa de produzir cinema experimental; e Alain, permanece na França e mantém o desejo de ser artista e depois continuar a carreira no Oriente, sem Leslie. A partir disso, o filme retrata que o ciclo revolucionário do final da década de 60 terminou no início de 70. O fim da rebelião social deu espaço para o conformismo e para a rebeldia individual, revelando a força que o capitalismo possui na integração dos indivíduos em sua “normalidade”, ou seja, na divisão social do trabalho, nas relações mercantis, burocráticas, alienadas etc. Portanto, o filme ajuda a compreender esse aspecto da contrarrevolução efetivada após o momento revolucionário e o impacto disso na vida de jovens estudantes, que, ainda influenciados por aquele momento anterior, precisam seguir em frente as suas vidas, deixando ou não a militância de lado.

O Fetichismo pelo Cinema e a Rebeldia Juvenil em Os Sonhadores

O terceiro filme que aborda aspectos do maio de 68 francês é *Os Sonhadores* (2003), dirigido por Bernardo Bertolucci. De forma similar ao caso do filme *A Chinesa*, o filme de Bertolucci retrata quase toda a trama dentro do espaço de um apartamento. A diferença é que neste último filme, os acontecimentos estão diretamente inseridos no ano de 1968. Assim, a trama consiste na chegada de um rapaz norte-americano em Paris, cujo nome é Matthew, que vai estudar francês durante um ano na cidade. Nessa época, o ministro Malraux havia emitido uma notificação expulsando o fundador da Cinemateca Francesa, Henri Langlois. Como Matthew era assíduo frequentador da Cinemateca, ele acaba conhecendo os irmãos, Isabelle e Theo, no dia do protesto em frente à Cinemateca. Assim, Matthew, Isabelle e Theo, todos apaixonados por cinema e assíduos frequentadores das sessões na Cinemateca tornam-se amigos logo depois de se conhecerem no dia do protesto.

A partir desse encontro, Matthew é convidado pelos irmãos a jantar no apartamento deles, e com a viagem dos pais dos irmãos no dia seguinte, ele passa a morar temporariamente no apartamento. É preciso destacar que a família dos irmãos

¹⁰ Gilles parece ser o espelho do diretor e roteirista Oliver Assayas no filme. Se a ideia de arte do personagem Gilles expressa a ideologia da “arte pela arte” e sua neutralidade ao invés de um compromisso revolucionário, afastando-se do cinema militante que busca retratar a classe operária, o mesmo ocorre com a ideia de arte em Assayas. O filme deste diretor/roteirista está mais próximo do cinema experimental e artístico, do que para um filme com uma mensagem revolucionária e compromissada com os interesses do proletariado.

pertence às classes privilegiadas na sociedade, sendo que o pai é um escritor reconhecido na produção de poesia. Desse modo, o filme começa a mostrar Theo, Matthew e Isabelle convivendo no apartamento depois que os pais dos irmãos viajam a trabalho e deixam cheques de dinheiro para eles se cuidarem.

Por conseguinte, a trama vai focando nas diversas referências fílmicas presentes na história do cinema, sobretudo da Nouvelle Vague (Nova Onda) na década de 60. Diante disso, vários filmes de diretores como Jean-Luc Godard, Josef von Sternberg, Howard Hawks, entre outros, são lembrados ao longo dos diálogos, cenas e objetos¹¹ em cena no filme. Portanto, o filme realiza uma ode à história do cinema, e do rock and roll dos anos 60, que é expressa por três cinéfilos convivendo no apartamento. No desenrolar da trama, outras questões começam a aparecer, como o desenvolvimento de um vínculo afetivo e sexual entre eles, através de experiências sexuais, presença do tabu do incesto, perda da virgindade, amor etc.

O interessante é que o filme contrasta as experiências sexuais entre Matthew, Theo e Isabelle, com os acontecimentos do Maio de 68 francês. Ao mesmo tempo em que os estudantes estão lutando nas ruas, construindo barricadas, aproximando-se dos trabalhadores, que, logo depois fazem a maior greve geral da história da França, os três jovens passam o tempo inteiro bebendo vinho, escutando música, transando etc., ficando totalmente alheios ao que acontecia no lado de fora do apartamento. Por isso, o filme mostra que o suposto discurso revolucionário retratado na discussão de Theo sobre o maoísmo e a revolução, ao divergir com Matthew que é contra qualquer forma de violência, não tinha nenhuma validade, pois os irmãos, Theo e Isabelle, tentavam sustentar um discurso revolucionário, mas eram indiferentes àquele momento revolucionário que estava acontecendo na França em 1968.

Por isso, podemos observar que o filme *Os Sonhadores* mostra jovens despolitizados, ativistas e indiferentes a qualquer engajamento político, o que é um pouco semelhante aos filmes discutidos anteriormente. Se os filmes anteriores, *A Chinesa* e *Depois de Maio*, traziam alguma reflexão minimamente politizada, mas sem nenhuma mensagem revolucionária ou concepção política que aponte para isto, o que

¹¹ O filme é uma homenagem ao cinema, revelando um amor e idolatria por essa forma de arte. Assim, diálogos no filme remetem a uma discussão sobre cineastas como Charlie Chaplin e Buster Keaton, reencenação de cenas vistas em *Scarface* (1932), *Banda à parte* (1964), *Acossado* (1960) e *Rainha Christina* (1933) e objetos que lembram filmes, como o pôster do filme *A Chinesa* no quarto de Theo e a escultura de Vênus de Milo. Através dessas referências, o cinema como uma arte que tem valor em si mesmo é reforçado, tanto entre os personagens, quanto pela equipe de produção (principalmente o diretor e roteirista Bertolucci), em detrimento de outros valores (a luta e a solidariedade, por exemplo).

temos no filme *Os Sonhadores* é o completo abandono de qualquer projeto revolucionário e de transformação social e radical da sociedade. A juventude mostrada pelo filme possui uma consciência fetichista pelo cinema, expressa na idolatria ao cinema sem consideração pelas suas relações sociais, políticas, históricas, entre outras determinações, e os dois irmãos Theo e Isabelle revelam-se tão somente jovens das classes privilegiadas que são rebeldes, supostamente “libertários” na questão sexual, que no final não é nada livre (a exemplo dos ciúmes que a irmã sentia pelo irmão), e despolitizados por seguirem depois a luta dos estudantes sem terem consciência do que queriam¹².

Assim, quando o filme aborda em sua cena final¹³ a barricada dos estudantes na batalha contra os policiais franceses, após um coquetel molotov quebrar a janela do apartamento dos irmãos, é para justificar um suposto engajamento “revolucionário” que não é nada mais do que uma rebeldia¹⁴ momentânea. Por conseguinte, podemos ver que Matthew decide não participar da barricada, mantendo coerência com seu posicionamento não revolucionário, no qual o cinema é mais importante do que a luta. Por outro lado, Isabelle e Theo decidem participar da barricada, da luta. O problema é que tal engajamento se revela mais um posicionamento rebelde, como já dito anteriormente, do que um engajamento revolucionário.

Portanto, o filme aborda o contexto histórico de 1968 na França a partir do fetichismo pela arte e especialmente pelo cinema, enquanto elemento fundamental para os indivíduos, deixando-se de lado as lutas estudantis e operárias. Portanto, a trama do filme nos ajuda a compreender a parcela de jovens e estudantes não revolucionários que não aderiram às lutas do Maio de 68, bem como ajuda a compreender determinados

¹² O norte-americano Matthew não é revolucionário, mas consegue perceber o discurso contraditório dos irmãos, especialmente de Theo quando ele tenta defender a suposta “revolução chinesa” sem observar os seus problemas e limites. O problema do discurso de Matthew é generalizar o caso de Theo para todos os estudantes e trabalhadores da época, enquanto indivíduos ingênuos que não tinham nenhum projeto e queriam reproduzir uma nova sociedade que manteria os problemas do capitalismo intactos.

¹³ Na questão formal ou estética, o filme é muito atrativo. Nessa cena final que mostra um coquetel molotov sendo jogado por Theo na polícia, o plano seguinte termina com uma imagem similar a uma foto real de um estudante realizando o mesmo ato no ano de 1968 na França. A foto pode ser conferida aqui: <https://www.artsy.net/article/artsy-editorial-1968-paris-changed-way-view-protests>. O problema é que o conteúdo do filme não condiz com uma perspectiva marxista, afastando-se do real significado autêntico do Maio de 68 francês e tornando o aspecto formal do filme praticamente irrelevante.

¹⁴ Erich Fromm define o rebelde “como a pessoa profundamente ressentida contra a autoridade por não ser apreciada, amada, aceita. O rebelde seja derrubar a autoridade devido ao seu ressentimento e, em consequência, constituir-se na autoridade, em substituição à derrubada. Muito frequentemente, no momento mesmo em que atinge tal objetivo, torna-se amigo da própria autoridade que combatia tão acerbamente, antes” (FROMM, 1965, p. 118). Assim, a rebeldia foi um traço comum de muitos indivíduos, principalmente os jovens, que participaram das lutas estudantis em 1968 e nos anos seguintes chegaram ao poder via cargos burocráticos.

setores dos indivíduos rebeldes, que participaram das lutas estudantis daquele período, mas tão logo o período cessou, eles se tornaram conservadores ou progressistas - posicionamento político comum nos jovens que pertenciam às classes privilegiadas.

Considerações Finais

Nesse breve artigo, fizemos uma análise da relação do Maio de 68 francês com o cinema. Por sua vez, utilizamos três filmes para discutir como eles mostraram determinados aspectos que ocorreram naquele período. Tendo isso em vista, conseguimos perceber que todos eles contribuíram para a percepção de um ou outro elemento importante. No caso do filme *A Chinesa*, podemos destacar a sua discussão sobre a doutrina maoísta e o projeto de revolução “socialista” que estava em debate. Em outro filme, chamado *Depois de Maio*, destacamos o impacto do fim da rebelião estudantil nas trajetórias de determinados indivíduos. Dessa maneira, a derrota de uma tentativa revolucionária foi marcada pela frustração, estagnação e começo de um novo ciclo de lutas que o filme não se propôs a abordar.

Por fim, o último filme, *Os Sonhadores*, é visivelmente o mais desinteressante dos três. Nele o projeto de revolução social é deixado de lado pela idolatria ao cinema e “caráter rebelde” dos indivíduos. Por mais que o filme seja o único a remeter diretamente aos eventos de 1968, estes são deixados de lado na trama e substituídos por discussões sobre a história do cinema, sobretudo do cinema francês da década de 60. Assim, cada um dos filmes apresentou uma posição política acerca do evento, pois todo cinema é uma produção social, histórica, envolvida em valores, interesses etc., os quais relacionam-se com a luta de classes em nossa sociedade (VIANA, 2012). As mensagens reproduzidas nesses filmes contribuem, em maior ou menor grau, para uma determinada percepção e posicionamento político diante do fenômeno do Maio de 68.

Referências

A CHINESA, Jean-Luc Godard (França, 1967).

BERNARDO, João. Estudantes e Trabalhadores no Maio de 68. *Revista Lutas Sociais*, n.19/20, 2008.

BRAGA, Lisandro. Maio de 68: Movimento Estudantil e Luta de Classes. *Perspectivas em Diálogo: Revista de Educação e Sociedade*, Naviraí, v.3, n.5, 2016.

BRINTON, Maurice. *Paris: Maio de 1968*. São Paulo: Conrad, 2008.

DEPOIS DE MAIO, Olivier Assayas (França, 2012).

FROMM, Erich. O Caráter Revolucionário. In: FROMM, Erich. *O Dogma de Cristo*. Rio de Janeiro: Zahar, 1965.

OS SONHADORES, Bernardo Bertolucci (França, 2003).

PINTO, João Alberto. França: lutas sociais anticapitalistas no maio de 1968. *Revista Espaço Acadêmico*. Número 85, junho de 2008.

SANTOS, Leonel Luiz dos. Revolução Russa e Contrarrevolução Bolchevique. In: TELES, Gabriel & VINÍCIUS, Rubens (Orgs.). *Crítica Marxista ao Leninismo*. Editora CRV: Curitiba, 2018.

TELES, Gabriel & VINÍCIUS, Rubens (Orgs.). *Crítica Marxista ao Leninismo*. Editora CRV: Curitiba, 2018.

VIANA, Nildo. *Cinema e Mensagem: Análise e Assimilação*. Porto Alegre, RS: Asterisco, 2012.

VIANA, Nildo. *Juventude, contestação, autogestão*. In: VIANA, Nildo. *Juventude e Sociedade: Ensaio sobre a condição juvenil*. Giostri: São Paulo, 2015b.

VIANA, Nildo. *O Capitalismo na Era da Acumulação Integral*. Aparecida, SP: Editora Ideias e Letras, 2009.

VIANA, Nildo. Os ciclos dos regimes de acumulação. In: *Territorial - Caderno Eletrônico de Textos*, Vol.5, n.7, 20 de agosto de 2015a.

VIANA, Nildo. Reflexões sobre o Maoísmo. In: TELES, Gabriel & VINÍCIUS, Rubens (Orgs.). *Crítica Marxista ao Leninismo*. Editora CRV: Curitiba, 2018.